

## FREUD E A CIÊNCIA DA LITERATURA - PSICANÁLISE, CIÊNCIA E POESIA

*Ingrid Vorsatz\**

### RESUMO

O presente artigo pretende destacar o papel da ciência da literatura (*Literaturwissenschaft*) como subsídio à *démarche* psicanalítica, no que concerne a sua fundamentação conceitual. Freud buscou junto aos textos clássicos o critério de universalidade requerido pela *Weltanschauung* científica à qual o fundador da psicanálise visava alinhar a sua descoberta, fundando a paradoxal ciência do inconsciente. Em razão de seu objeto se furtrar a uma apreensão exaustiva, bem como ao caráter de indeterminação intrínseco ao campo conceitual da psicanálise, verifica-se a remissão freudiana a um domínio para além (*meta*) do cânone científico, a saber, a literatura, que é elevada ao patamar científico a título de ciência da literatura (*Literaturwissenschaft*). O paradigma é o complexo de Édipo, considerado pelo criador da psicanálise como complexo nuclear das neuroses e a partir do qual se estabelecem as coordenadas referentes à constituição do sujeito. Destaca-se, ainda, que o recurso de Freud às obras literárias na fundamentação da teoria da clínica psicanalítica caracteriza um procedimento interdisciplinar *avant la lettre*, estabelecendo uma interlocução profícua entre domínios distintos, mas não mutuamente alheios. De acordo com a própria indicação freudiana o escritor/poeta seria o duplo (*Doppelgänger*) do psicanalista; não obstante, a relação entre ambos porta a marca da mais radical estranheza (*Unheimlichkeit*) - não de semelhança - fazendo com que não sejam reciprocamente subsumidos.

---

\* Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (IP-UERJ). Docente e supervisora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica Institucional - Modalidade Residência Hospitalar (IP-UERJ). Autora de *Antígona e a ética trágica da psicanálise* (Zahar/FAPERJ, 2013). Responsável pelo projeto de ensino *Psicanálise e literatura - Freud e os clássicos* (IP-UERJ). Vencedor do 60º Prêmio Jabuti 2018 no Eixo Inovação - Formação de Novos Leitores.

O escritor como duplo (*Doppelgänger*) não seria, assim, o reflexo do psicanalista; antes, poderia ser considerado o seu avesso.

Palavras-chave: psicanálise; ciência; literatura; poesia; duplo.

## FREUD AND THE SCIENCE OF LITERATURE - PSYCHOANALYSIS, SCIENCE AND POETRY

### ABSTRACT

*This paper intends to highlight the role played by the science of Literature (Literaturwissenschaft) as a fundamental contribution to the psychoanalytical démarche, concerning its conceptual foundation. Freud sought along with the classical texts the universality criterion required by the scientific Weltanschauung, to which the psychoanalysis founder aimed to align its discovery, establishing the paradoxical unconscious science. On account of its object evade an exhaustive apprehension, as well as the indetermination character intrinsic to psychoanalysis' conceptual field, the Freudian remission to a domain beyond (meta) the scientific canon is verified, namely, literature, which is elevated to a scientific plateau as Literature science (Literaturwissenschaft). The paradigm is the Oedipus complex, considered as the nuclear complex of neurosis by psychoanalysis' creator, and from which the coordinates referred to the subject's constitution are established. It's highlighted, even though Freud's turning to literary works in theoretical foundation of psychoanalysis' clinic characterizes an interdisciplinary practice avant la lettre, establishing a fruitful interlocution between distinct domains, however not mutually unrelated. According to Freud's indication, the writer-poet (Dichter) would be the psychoanalyst double (Doppelgänger); nonetheless the relationship between both carries a trait of the most radical uncanniness (Unheimlichkeit) - not resemblance - in order that they are not reciprocally subsumed. Thus, the writer as a double (Doppelgänger) would not be the psychoanalyst's reflex; rather than it could be considered its reverse.*

*Keywords: psychoanalysis; science; literature; poetry; double.*

## FREUD ET LA SCIENCE DE LA LITTÉRATURE - PSYCHANALYSE, SCIENCE ET POÉSIE

### RESUMÉ

*Cet article prétend vise à mettre en évidence le rôle de la science de la littérature (Literaturwissenschaft) en tant que subsiste à la démarche psychanalytique, en ce qui concerne son fondement conceptuel. Freud a cherché dans les textes classiques le critère d'universalité requis para la*

*Weltanschauung* scientifique, à laquelle le fondateur de la psychanalyse visait aligner sa découverte, en fondant la paradoxale science de l'inconscient. Étant donné que son objet se dérobe à une compréhension exhaustive, aussi bien qu'au caractère d'indétermination intrinsèque au champ conceptuel de la psychanalyse, on constate que la rémission freudienne mène à un domaine que se situe audelà (meta) du canon scientifique, à savoir, la littérature, qui se hausse au niveau scientifique en tant que science de la littérature (*Literaturwissenschaft*). Le paradigme est le complexe d'Oedipe, considéré par le créateur de la psychanalyse comme le complexe nucléaire des neuroses et à partir duquel s'établissent les coordonnées référentes à la constitution du sujet. Remarquons que le recours de Freud aux oeuvres littéraires dans les fondements de la théorie de la clinique psychanalytique caractérise, avant la lettre, une procédure interdisciplinaire, en établissant une interlocution féconde entre des domaines distincts, mais non mutuellement étrangers. Selon sa indication, l'écrivain-poète serait le double du psychanalyste; quoique la relation entre les deux soit marquée d'une inquiétant étrangeté (*Unheimlichkeit*) - non pas de ressemblance - faisant en sorte qu'ils ne soient pas réciproquement subsumés. Ainsi, l'écrivain en tant que double (*Doppelgänger*) ne serait pas le reflet du psychanalyste; à la limite il pourrait être considéré comme son envers.

Mots clés: psychoanalyse; science; littérature; poésie; double.

*Ele [o livro Traumdeutung] segue completamente os ditames do inconsciente. Não inicie um só parágrafo sabendo onde iria terminar.*

(Freud, 1898)

## INTRODUÇÃO

Ao interrogar os fundamentos da psicanálise enquanto práxis, Lacan, define esta última como sendo “o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico” (Lacan, 1964/1988, p. 14). Mas em que consiste o tratamento do real pelo simbólico?

Sem pretender esgotar a questão, pretendemos circunscrevê-la nos limites do recorte aqui proposto, qual seja, a do fundamento comum entre psicanálise e literatura. Ao afirmar a operação analítica enquanto uma práxis, somos levados a considerar, de início, o gesto fundador de

Freud ao dar lugar, através de sua escuta clínica acurada, ao real sexual em jogo no sintoma histérico, tributário do conceito maior do campo psicanalítico, o Inconsciente (*das Unbewusste*). Este, contudo, não caracteriza um repositório de conteúdos arcaicos ou ainda primevos; antes, pela emergência, de caráter pontual e evanescente, de algo que não existia antes de sua própria emergência fugaz (Lacan, 1964/1988), disruptiva e evanescente que se efetiva como fratura no funcionamento da consciência através de sua irrupção - a título de lapso, sintoma, chiste e sonho. Vale dizer, como efeito da estrutura da linguagem, uma vez que as formações do inconsciente só “existem” - justamente não se trata de uma perspectiva ontológica - na dimensão da palavra, isto é, do dizer.

*Mutatis mutandi*, também a literatura caracterizaria uma práxis à medida que seu empreendimento, levado a cabo por cada escritor-poeta (*Dichter*), consistiria em uma ação propriamente poética<sup>1</sup>, à medida que cria, com e pela palavra, algo que não se encontrava antes - ou seja, um procedimento que também implica no tratamento do real pelo simbólico.

Partimos da premissa freudiana de que o psicanalista e o escritor-poeta (*Dichter*) lidam com a mesma matéria - a articulação linguageira que, por sua vez, rege o funcionamento inconsciente - e chegam, por diferentes caminhos, aos mesmos achados (carta de Freud a Schnitzler, datada de 14 de maio de 1922).

Contudo, cabe ressaltar que não se pretende fazer uma clínica da literatura nem tampouco se debruçar sobre a psicologia do escritor-poeta - o que poderia caracterizar um empreendimento selvagem. Tampouco se trata de psicanálise aplicada à literatura. Quanto a isso, levamos em consideração a advertência freudiana contida em um artigo que trata do interesse da psicanálise sob pontos de vista distintos - no caso, o da arte (*Kunstinteresse*): “As forças pulsionais da arte são os mesmos conflitos que impulsionam outros indivíduos à neurose e que incentivaram a sociedade a construir suas instituições. *Não é assunto da psicologia averiguar de onde vem, para o artista, a capacidade para criar*” (Freud, 1913/1997, p. 189, tradução livre, grifo nosso).

A potência criacionista da palavra - *poiesis* - não é, para Freud, objeto de análise ou ainda de especulação. Como toda criação que se preza, esta é *ex nihilo*, ainda que as forças pulsionais em jogo sejam as mesmas que

produzem tanto a doença neurótica como a própria cultura. Visa-se, aqui, colocar em relevo a homologia de determinação entre psicanálise e literatura em virtude de ambas constituírem práticas discursivas que extraem seu fundamento no campo da palavra e da linguagem enquanto práxis, ambas caracterizando fazeres da palavra, ainda que de ordens distintas.

Assim, não acreditamos que o recurso à literatura por parte de Freud (como, posteriormente, de Lacan) caracterize um expediente meramente ilustrativo. Isto é, não se trata de iluminar os achados psicanalíticos - sejam estes teóricos ou clínicos - através de exemplos extraídos da literatura. A nosso ver, tal empreendimento se revelaria empobrecedor. Antes, procuramos fazer ressaltar a pertinência comum do campo da linguagem na práxis psicanalítica e no fazer literário ou poético.

A hipótese da existência de um substrato comum entre esses dois campos heterogêneos - psicanálise e literatura - segue a senda aberta pelo próprio Freud quando afirma, numa inequívoca alusão à peça *Hamlet*, de Shakespeare, contida em sua análise da novela *Gradiva*, de Jensen:

Os poetas são aliados valiosíssimos [do psicanalista] e seu testemunho deve ser levado em alta conta, pois *conhecem muitas coisas entre o céu e a terra cuja existência nem sonha a nossa sabedoria acadêmica*. No conhecimento da alma [*Seele*] estão à nossa frente, homens comuns, pois se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, 1907[1906]/1998, p. 8, tradução livre, grifo nosso).

Em sua fundamentação teórico-conceitual, mas também em sua incidência clínica, o campo da psicanálise pode ser caracterizado como uma práxis da palavra, cujo caráter criacionista encontrado na própria formulação de alguns de seus conceitos fundamentais não exclui a dimensão poética, condensada na perspectiva freudiana da noção de *Phantasieren*, conforme veremos adiante.

## A PSICANÁLISE NÃO É UMA *WELTANSCHAUUNG*

É notório o endereçamento de Freud à ciência de seu tempo; não obstante, não o é menos à literatura - ou ainda, ao escritor-poeta (*Dichter*) - como sendo o campo ao qual o fundador da psicanálise tantas vezes se remete ao fundamentar seus conceitos e noções constitutivos. Sabe-

se que a biblioteca freudiana era composta de cerca de dois mil títulos, pertencentes aos mais diversos gêneros: desde as ciências da natureza e as do espírito, abarcando o amplo espectro da história, da filosofia, etnologia, o estudo das religiões, biografias, mitologia, relatos de viagem e, por fim - mas não menos importante -, a literatura de ficção, tanto de língua alemã quanto estrangeira. Dentre estas, os clássicos gregos - sobretudo Sófocles - e também Shakespeare tinham um lugar privilegiado. Freud era um homem do livro, e se referia a sua obra *Traumdeutung* como *Traumbuch* - livro do sonho ou livro-sonho (Mango & Pontalis, 2013).

A rigor, a perspectiva científica à qual a psicanálise se subordina não é, para Freud, incompatível com a esfera mais ampla da cultura - europeia e, mais especificamente, a que vicejou na Viena *fin-de-siècle*, Romantismo alemão *compris*. O interlocutor ao qual Freud se dirige nos textos fundadores (mas não apenas) é o cidadão europeu ilustrado de seu tempo, homem de cultura familiarizado, ao menos em parte, às ideias e noções das *Geisteswissenschaften* ou ciências do espírito, da alma (*Seele*), e seu contraponto complementar, as *Naturwissenschaften* ou ciências da natureza. De acordo com Assoun (1983), essa partição vigente no século XIX caracterizaria a querela dos métodos ou *Methodenstreit*, que eclodiu em 1883, sendo caracterizada pela própria produção desse novo par antitético fundador. Esse autor considera que, ao estabelecer a psicanálise enquanto uma ciência da natureza, Freud respondera à interpelação de seu tempo. Contudo, ao fazê-lo, teria afirmado a primazia da *Naturwissenschaft*, uma vez que, em se tratando de cientificidade, só haveria ciência da natureza, não havendo lugar para o dualismo epistemológico: “Para Freud, a psicanálise é uma *Naturwissenschaft*: na realidade, não há [...] ciência senão da natureza. *Naturwissenschaft* equivale, praticamente, a *Wissenschaft*. [...] se a psicanálise é uma ciência digna desse nome, então ela é *Naturwissenschaft*” (Assoun, 1983, p. 50-51). Isto é, Freud reconheceria apenas uma forma de ciência, mantendo-se apartado da referida querela dos métodos (Assoun, 1983). A materialidade sobre a qual o fundador da psicanálise ancora a sua nova ciência é a da palavra, desde o ensaio sobre as afasias, bem como os fenômenos linguageiros - o relato do sonho, os lapsos, os chistes e o sintoma neurótico como mensagem cifrada - em relação aos quais infere o inconsciente e suas leis de funcionamento.

Conforme assinala Fernandes (2005), o criador da psicanálise, enquanto homem de seu tempo, não se endereçaria propriamente ao cientista, mas ao homem de cultura que acredita no valor emancipatório da ciência, crença advinda da perspectiva iluminista. Para Freud, a cultura (*Kultur*) caracteriza um campo dotado de efetividade, cujos elementos ele empregava de modo a articular o seu discurso. Seu argumento é o de que justamente essa tentativa de se demarcar da perspectiva transcendentalista comum entre filosofia e religião (guardadas as devidas especificidades de uma e de outra) na explicação da ação humana o levará a alinhar a psicanálise ao materialismo científico.

Não obstante, quanto ao suposto cientificismo do criador da psicanálise, Freud teria guardado a devida distância de iniciativas que implicassem em considerar a psicanálise como uma ciência completa. De todo modo, o dito cientificismo freudiano encontra seu limite na perspectiva trágica da existência posta em causa pela própria formulação do conceito maior do campo psicanalítico, o Inconsciente (*das Unbewusste*). Consoante a este, vige a dimensão ética em que palavra e ato se conjugam irreversivelmente, na qual se encontra ausente qualquer perspectiva ideal - seja esta científica, ou ainda terapêutica (Fernandes, 2005).

De outra parte, além de fornecer um critério material à nova “ciência” psicanalítica através da palavra endereçada sob transferência - “[...] palavras também são a ferramenta essencial do tratamento anímico” (Freud, 1890/2016, p. 19) -, o recurso à materialidade da linguagem o colocava a uma distância segura, a de não estar, ele mesmo, incorrendo naquilo que criticava à filosofia. Vale dizer, de que suas hipóteses se sustentavam na observação empírica e não constituíam um sistema abstrato, totalizante, carente de substrato material.

Recusando à psicanálise o estatuto de uma *Weltanschauung* no sentido de uma visão de mundo abrangente “que soluciona todos os problemas da existência [e] não deixa nenhuma pergunta sem resposta” (Freud, 1933[1932]/1976, p. 193), Freud se empenhou em demarcar a psicanálise da magia e da religião, *Weltanschauungen* alinhadas, de acordo com a sua perspectiva, às práticas obscurantistas e à ilusão, respectivamente. De outra parte, o fundador da psicanálise sempre manteve reservas em relação à filosofia, por ele considerada

como uma espécie de constructo abstrato sem lastro real - portanto, sem serventia à clínica, inútil na decifração do enigma proposto pelo sintoma histórico à medicina da época. Nessa perspectiva, procurou alinhar a psicanálise à *Weltanschauung* científica que, embora suponha “a *uniformidade* da explicação do universo, o faz apenas na qualidade de projeto” (Freud, 1933[1932]/1976, p. 194, grifo do original), conformando-se em alcançar resultados parciais, sempre passíveis de serem revistos: “O progresso do trabalho científico é o mesmo que se dá numa análise. Trazemos para o trabalho as nossas esperanças, mas estas necessariamente devem ser contidas.” (Freud, 1933[1932]/1976, p. 211). Isto é, ainda que tenha alinhado a psicanálise à *Weltanschauung* científica, Freud introduziu uma renúncia à pretensão de um saber totalizante desde o interior do próprio ideal de cientificidade.

## A BRUXA METAPSIKOLOGIA

De acordo com Iannini (2013), Freud não cede quanto à vocação científica da psicanálise; não obstante, para ele, “ciência” não se confunde com “metodologia científica”, o que o recurso freudiano ao mito - também à literatura - atestaria de forma inequívoca caracterizando, na própria fundamentação dos conceitos psicanalíticos, um para além do domínio científico *tout court*. O autor identifica nos mitos de Édipo, do pai primeiro e de Moisés essa remissão freudiana ao campo da cultura, com destaque em relação à constituição da própria metapsicologia - considerada como a estrutura conceitual da psicanálise - mais especificamente em relação ao conceito de pulsão, um dos conceitos fundamentais (*Grundbegriffe*) da psicanálise. O referido autor destaca haver na construção do edifício teórico da psicanálise um componente estético que coabita com a pretensão científica de Freud, assinalando justamente que

[...] ali onde o conceito não pode mais expressar o objeto [...] Freud não recua. Ele não se furta ao tomar seus poetas, seus dramaturgos ou alguma obra de arte em particular como suplemento às rasuras do discurso argumentativo [...] para expressar, numa linguagem coerente, embora muitas vezes metafórica, mítica, analógica, as sutilezas e contradições de um objeto teórico que tem por natureza escapar às malhas do conceito (Iannini, 2013, p. 125).

Antes, precisamente pelo fato de que o objeto da psicanálise se furta a uma apreensão exaustiva - não se trata de uma insuficiência do conceito em expressá-lo -, seu contorno é estabelecido por meio de um recurso alheio ao procedimento científico estrito. O próprio caráter de indeterminação intrínseco ao campo conceitual da psicanálise - cujo paradigma seria o conceito de pulsão, conceito limite ou limítrofe entre o somático e o psíquico, e também ao conceito de inconsciente como caracterizando um campo que se perde (Lacan, 1964/1988b) -, retomando a indeterminação constitutiva dos conceitos fundamentais da psicanálise, faculta (quando não impõe) a remissão a um domínio para além (meta) do cânone científico. Destacamos, a esse respeito, as proposições freudianas contidas no parágrafo inicial do artigo metapsicológico “A pulsão e seus destinos” (1915). Freud inicia o ensaio afirmando que:

[...] uma ciência deve ser construída sobre conceitos fundamentais claros e precisos. Na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste, antes, na descrição de fenômenos, que serão depois agrupados, ordenados e correlacionados. *Já na descrição, não se pode evitar a aplicação de ideias abstratas ao material, tomadas de algum lugar [irgendwoher]*, por certo não somente das novas experiências. *Tais ideias - os futuros conceitos fundamentais da ciência [...] no princípio, elas devem manter certo grau de indeterminação;* não se pode contar aí com uma clara delimitação de seus conteúdos. [...] elas têm a rigor o caráter de convenções [...] não são escolhidas de modo arbitrário, mas sim determinadas por significativas relações com o material empírico, relações essas que imaginamos poder adivinhar [*erraten*] antes mesmo que possamos reconhecer e demonstrar (Freud, 1915/2013, p. 16-17, grifos nossos).

Na esteira das proposições de Assoun (1983), Iannini (2013) atribui a essas considerações o estatuto de programa epistemológico por parte de Freud, assinalando haver um aspecto especulativo irreduzível tanto na ciência quanto no mito e na escritura. Em uma nota do tradutor do referido artigo metapsicológico, encontramos que o termo *irgendwoher* utilizado por Freud denota o sentido de “algum lugar” ou “de alguns lugares indeterminados ou indefinidos”; já o verbo *erraten* também poderia ser traduzido por “intuir”, remetendo a um “saber por antecipação, deduzir

sem dispor de todas as evidências para determinada conclusão” (Cf. a nota 3 in Iannini, 2013, p. 66).

Assim, é legítimo supor que em decorrência da indeterminação característica dos conceitos fundamentais da psicanálise encontramos o recurso freudiano ao mito e à literatura. Freud não hesitou em afirmar que a teoria das pulsões seria uma espécie de mitologia da psicanálise: “As pulsões são seres míticos, grandiosos em sua indeterminação. Em nosso trabalho não podemos prescindir delas por nem um instante, mas nunca estamos certos em distingui-las com clareza” (Freud, 1933[1932]/1997, p. 88, tradução livre). Vemos que a indeterminação do conceito de pulsão não é considerada por Freud como uma fragilidade concernente ao estabelecimento do conceito; antes, é afirmada a sua potência (grandiosidade) justamente em relação a sua indeterminação. Desse modo, o conceito de pulsão é grandioso em decorrência de sua indeterminação - e não apesar desta. Há, portanto, uma inflexão singular que caracteriza a própria constituição de uma epistemologia freudiana.

Segundo Assoun (1983), Freud retoma a problemática referente à indeterminação de um conceito fundamental em uma carta a Einstein, na qual interpela o cientista quanto ao fato de que também as ciências da natureza - no caso, a própria Física - não estariam ao abrigo de semelhante expediente, vale dizer, do recurso à mitologia no estabelecimento de seu campo - uma vez que, conforme assinalado, “ciência” não se confundiria com “metodologia científica” (citado por Assoun, 1983, p. 67). Nesse sentido, o apelo de Freud à bruxa metapsicologia é paradigmático: ao retomar a problemática da força (*Drang*) pulsional como um dos três fatores determinantes no tratamento analítico, afirmando que esta atua no lugar do fator constitucional, afirma que não se trata de pretender uma resolução definitiva da exigência pulsional (*Triebanspruch*), mas, antes, de uma “domação” (*Bändigung*) da pulsão. Contudo, Freud considera que não é possível estabelecer com precisão como isso vem a ocorrer; é quando invoca a bruxa goetheana (*Hexe*<sup>2</sup>): “Então, agora a bruxa precisa entrar em ação. É a bruxa chamada Metapsicologia. Sem especulação metapsicológica e sem teorização - quase diria, sem fantasiar [*Phantasieren*] - não avançamos um passo sequer” (Freud, 1937/2016, p. 326).

Trata-se de uma formulação tão surpreendente quanto notável. Freud parece colocar no mesmo patamar a especulação teórica e o *Phantasieren*, atividade própria do poeta (*Dichter*). Conforme assinala Assoun (1983), o espírito de rigor freudiano, herdeiro de sua formação naturalista, não é incompatível com aquilo que este autor denomina como sendo um trabalho de artista, ao qual Freud se entrega na formalização do arcabouço metapsicológico da psicanálise. O referido autor considera que, ao indicar a presença do fantasiar no interior da própria metapsicologia, Freud teria, por um lado, se precavido contra o perigo do racionalismo, incluindo uma modalidade original de *Phantasieren* na atividade teórica, condicionando a racionalidade metapsicológica. De outra parte, teria dotado o próprio empreendimento teórico-conceitual de uma lógica inconsciente que lhe seria homóloga e cuja raiz comum seria o fantasiar (Assoun, 1983, p. 103-105; 107). Vejamos em que consistiria esse trabalho de artista assinalado por Assoun, remetendo-nos ao ensaio freudiano “O poeta e o fantasiar”, publicado em 1908.

Nesse artigo, Freud (1908/2015) se debruça sobre a origem do fazer literário, aproximando-o à brincadeira em que a criança, mobilizando um grande *quantum* de afeto, cria o mundo através de sua brincadeira/jogo (*Spiel*), tomando emprestado determinados elementos da realidade (*Wirklichkeit*) e transformando-os em material passível de representação. Vale dizer, o fantasiar (*Phantasieren*) institui uma nova ordem - o próprio jogo/brinquedo - e, nessa medida, comporta-se como o poeta (*Dichter*) que cria o seu próprio mundo dotado de efetividade (Freud, 1908/2015, p. 54). Desse modo, o fazer poético aproxima-se do brincar. O poeta/criador (*Dichter*) é aquele que joga (*Spiel*), que maneja a palavra como seu instrumento de trabalho, criando o mundo no qual habita através da linguagem.

Retomando a equivalência entre a especulação teórica e o fantasiar sugerida por Freud (1937/2016), podemos considerar que ambas instituem um campo dotado de efetividade própria - a teoria e a criação poética, respectivamente. Guardadas as devidas especificidades, ciência e literatura instituem uma nova ordem, conforme indicado por Freud (1908/2015) a propósito do elemento comum entre o brincar infantil e o fazer poético. O que aqui se pretende sublinhar é, de um lado, o caráter de efetividade presente no resultado tanto da elaboração dos

conceitos quanto da atividade poética (*poiesis*); de outro lado, a dimensão criacionista implicada em ambos os procedimentos. Para avançar na consolidação do campo conceitual da psicanálise, é preciso dotá-lo de efetividade própria - o que, segundo Freud, não se realiza sem certa dose de *Phantasieren*, vale dizer, de criação *ex nihilo*. Assim, em certa medida o próprio conceito seria tributário de uma dimensão estrangeira à *démarche* propriamente científica. Ou ainda, esta - mais precisamente, o empreendimento freudiano - não excluiria o fundamento extrateórico na própria constituição de seu campo conceitual. Conforme assinala Assoun, a racionalidade freudiana denomina-se *Phantasieren*, na qual se explicita o nexó entre a teorização e a fantasia (Assoun, 1983, p. 103).

### A CIÊNCIA DA LITERATURA (*LITERATURWISSENSCHAFT*)

Recusando a promessa contida no ideal científico de constituição de um saber sem falhas (mesmo considerando-o provisório e sujeito à revisão), mas, sem, no entanto, negar à psicanálise sua filiação - ainda que um tanto bastarda - à ciência da época, Freud vai encontrar juntos aos textos literários, sobretudo clássicos, o critério de universalidade de que a teoria necessita para que não se degrade em delírio de um homem à frente de seu tempo - portanto, sem interlocutores. O paradigma é a noção de complexo de Édipo como ordenadora da constituição do sujeito frente ao desejo inconsciente incestuoso e parricida. Conforme assinala Mezan, “O Complexo de Édipo não é ‘ilustrado’ pela peça de Sófocles; [...] é um momento decisivo da invenção do conceito por Freud, fornecendo-lhe [...] um componente absolutamente fundamental a todo conceito, a saber, a universalidade” (Mezan, 1985, p. 141). Os interlocutores privilegiados de Freud foram os escritores-poetas, Sófocles e Shakespeare, fundamentalmente, além de Goethe. Mas também seus contemporâneos como E.T.A. Hoffmann, Arthur Schnitzler, Thomas Mann, entre outros.

Em sua enérgica defesa da análise leiga, vale dizer, do tratamento ou manejo da alma (*Seelenbehandlung*) praticado por não médicos, Freud (1926/2016) considera que a formação do psicanalista prescinde de um treinamento técnico interno ao campo da medicina, asseverando que o tratamento analítico cruza o campo da educação médica, mas um não inclui

o outro. Vale dizer, a práxis analítica não inclui - não se encontra subsumida, nem exige - a formação médica. Antes, deve passar pela disciplina da letra: “[...] a instrução analítica abrangeria ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura [*Literaturwissenschaft*]” (Freud, 1926/2016, p. 284).

É surpreendente constatar que Freud introduza um novo campo, o da ciência da literatura (*Literaturwissenschaft*), ao qual alinha a psicanálise, na convencional partição característica do final do século XIX e início do século XX entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), entre as quais se situam a medicina e as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), campo próprio da filosofia. Trata-se do cerne da questão que pretendemos destacar. Através dessa formulação inaudita, Freud parece, de um lado, conferir um estatuto científico à literatura, caracterizando-a como um campo suficientemente sólido sobre o qual fundamentar as suas hipóteses, decorrentes de sua prática clínica. De outro lado, parece indicar a efetividade própria à literatura - e, por extensão, à linguagem -, assim como sua legitimidade a título de operador teórico-conceitual (além de clínico) do campo psicanalítico.

A fundamentação das proposições psicanalíticas, conforme exigido pelos critérios de cientificidade (em oposição à magia e à religião), será, assim, encontrada por Freud junto à literatura - o exemplo *princeps* é a noção de complexo de Édipo como estruturante do psiquismo e seus mecanismos correlatos, referentes à posição do sujeito frente à escolha articulada pela castração (*Verdrängung*, *Verwerfung* e *Verleugnung*, em jogo na neurose, na psicose e na perversão, respectivamente). A hipótese freudiana que atribui ao personagem sofocliano da peça **Édipo rei** o critério de universalidade requerido pela ciência remonta aos primórdios de sua empreitada, como podemos constatar em uma de suas cartas a Wilhelm Fliess: “Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância” (Masson, 1986, p. 273, carta de 15 de outubro de 1897). O herói trágico Édipo, em seu afã de escapar do destino articulado pelo oráculo divino, escolhe a sua própria perdição. Já Freud se responsabiliza pelo próprio desejo incestuoso e

parricida, extraindo de sua experiência singular o critério de universalidade requerido a todo empreendimento que se pretenda científico.

Contudo, a universalidade que fornece ao complexo de Édipo o seu estatuto de complexo nuclear [*Kerncomplex*] da neurose (Freud, 1908/1976, p. 217), desempenhando um papel central na estruturação do desejo, não é de natureza apriorística, vale dizer, não está dada de uma vez por todas, uma vez que tenha sido estabelecida. Antes, essa peculiar universalidade se inscreve enquanto tal de modo singular, em que pese o paradoxo. Cabe a cada sujeito, singularmente, “validar” essa universalidade - que, por assim dizer, se constitui em um segundo tempo -, de acordo com a temporalidade retroativa (*Nachträglichkeit*) que vigora no inconsciente.

Para além dessa dimensão, a posição de cada um frente ao desejo incestuoso resultará propriamente na escolha da neurose, paradoxal problemática assinalada desde a correspondência que caracterizou a dita autoanálise freudiana (Masson, 1986, p. 282, carta a Fliess de 14 de novembro de 1897). Com isso, a dimensão trágica da experiência analítica está posta. Esta será, posteriormente, radicalizada com Lacan, a propósito da ética intrínseca ao campo psicanalítico através da posição inarredável da heroína trágica Antígona, na peça homônima de Sófocles (Lacan, 1959-1960/1988).

## AS REFERÊNCIAS LITERÁRIAS COMO SUBSÍDIO À FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PSICANÁLISE

Desde os primórdios de sua prática clínica como neurologista, desafiado pelo enigma apresentado pelo sintoma histérico, Freud assinala o parentesco entre a descrição dos fenômenos psíquicos e aquelas encontradas sob a pena dos escritores e poetas, indicando a natureza comum subjacente a ambos os ofícios:

Provavelmente bebemos na mesma fonte, elaboramos o mesmo objeto, cada um com um método diferente; a coincidência no resultado parece demonstrar que ambos trabalhamos bem [...] *esta conclusão parece inevitável: ou os dois, o poeta [Dichter] e o médico [psicanalista], incorremos no mesmo mal-entendido sobre o inconsciente, ou ambos o compreendemos corretamente.* Esta conclusão é muito valiosa para nós (Freud, 1907[1906]/1998, p. 76, grifo nosso).

Retomemos o encaminhamento freudiano. Ainda na década de 1880-1890, antes mesmo da publicação do texto fundador do campo psicanalítico, “Interpretação de sonhos” (1900), no qual estabelece o inconsciente como conceito fundamental (*Grundbegriff*) da psicanálise, Freud revela que o cabedal teórico da medicina do final do século XIX não fornecia os instrumentos necessários à abordagem da clínica da histeria (então considerada como um fenômeno da ordem do fingimento ou da imaginação exacerbada das pacientes acometidas por esta “doença”). É junto ao escritor-poeta (*Dichter*) que Freud encontra solo firme sobre o qual assentar seu procedimento clínico-investigativo:

Nem sempre fui psicoterapeuta. Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognósticos, e ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos e que [...] falta-lhes a marca de seriedade da ciência. Tenho de consolar-me com a reflexão de que a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso, e não qualquer preferência minha. A verdade é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como as que estamos acostumados a encontrar nas obras dos escritores imaginativos [*Dichter*], me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos alguma espécie de compreensão sobre o curso dessa afecção (Breuer & Freud, 1895/1974, p. 83-84).

Vemos que desde suas primeiras formulações teóricas Freud se endereça ao poeta (*Dichter*). Quanto a este substantivo por ele empregado, trata-se de um termo de difícil tradução. Seu uso corriqueiro na língua alemã designa, *lato sensu*, o escritor, o narrador, o dramaturgo e o criador de obras literárias. Em sentido estrito, *Dichter* significa “aquele que faz/compõe poemas” ou poeta. Parece derivar do alto alemão antigo, no qual o verbo *dichten* significa “criar”, “inventar”, “imaginar” e também “escrever”. Freud, ao privilegiar o *Dichter* enquanto interlocutor privilegiado - e, no caso do escritor vienense Arthur Schnitzler, seu confessado duplo (*Doppelgänger*) -, teria introduzido no seio da própria cientificidade o fazer poético ou *poiesis*, vale dizer, a propriedade criacionista constitutiva da linguagem, da emergência de uma verdade apartada dos critérios de verificação

empírica promovida pela ciência (Mango & Pontalis, 2013). Quanto ao que aproxima - distinguindo - o psicanalista e o poeta (*Dichter*), vejamos o que o próprio Freud afirma a esse respeito em seu ensaio sobre a *Gradiva* de Jensen:

Nosso procedimento consiste na observação consciente dos processos anímicos anormais em outras pessoas a fim de poder coligir e formular suas leis. O poeta [*Dichter*] procede de outro modo; dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria alma [*Seele*], observa suas possibilidades de desenvolvimento e lhes permite a expressão artística em vez de sufocá-las mediante uma crítica consciente. Desse modo, averigua desde de si o que aprendemos em outros, as leis a que deve obedecer o trabalho inconsciente; mas ele não precisa formular essas leis, nem sequer discerni-las claramente. Devido a atitude tolerante de sua inteligência estas estão encarnadas em suas criações. Nós desenvolvemos essas leis por meio das análises de suas criações, tal como temos inferido dos casos de doença real (Freud, 1907[1906]/1998, p. 76).

As leis às quais Freud se refere e que regem a vida psíquica são aquelas que vigem no inconsciente, a saber, a condensação e o deslocamento, bem como a ausência de contradição e a não inscrição da negatividade - portanto, do “não” e também da morte - nesse sistema psíquico. Vale dizer, o inconsciente não é regido pelo princípio de não contradição, e suas leis de funcionamento são homólogas às leis da linguagem, em jogo nas figuras da metáfora e da metonímia, conforme Lacan virá a apontar com precisão.

Conforme assinalamos em outro trabalho (Vorsatz, 2013), em sua apreciação sobre a especificidade da linguagem poética, o renomado ensaísta Steiner assinala que em decorrência “[...] da elisão, concentração, obliquidade assim como da capacidade de sustentar uma pluralidade de significados, a poesia fornece uma imagem da vida bem mais densa e mais complexa do que a prosa” (Steiner, 1961/2006, p. 140). De acordo com a sua proposição, a poesia tem seus próprios critérios de verdade, distinto dos critérios da prosa e, no seu entender, mais rigorosos do que estes. Se o prosaico é linear, não admitindo a contradição e dispondo de critérios eminentemente atributivos, o critério de verdade da poesia, ao revés, seria o de sua própria consistência interna, sendo

que esta admitiria discordâncias simultâneas, uma vez que suas figuras de linguagem podem carregar significados múltiplos e concomitantes, ainda que pareçam disparatados. (Steiner, 1961/2006, p. 138, 140).

“A sintaxe do verso é, em parte, liberada da causalidade e tempo”, afirma Steiner (1961/2006, p. 140). Ou seja, a própria estrutura sintática em que o verso é concebido implica que sua enunciação não se encontra submetida às determinações causais - bem como espaço-temporais - predominantes no pensamento racional, caracterizando, antes, uma ruptura com o tempo cronológico, espacializado e sucessivo; conseqüentemente, com a própria concepção linear de causalidade. Assim, a poesia inaugura uma temporalidade outra, subvertendo a lógica causal de caráter linear.

Vemos, pois, que a própria articulação languageira em jogo na poesia caracteriza uma forma de pensamento singular, distinta do pensamento lógico-conceitual, em que as contradições não se anulam reciprocamente e diferentes patamares de temporalidade, bem como de sentido, podem coexistir sem que haja uma prevalência de uns sobre outros. A linguagem poética, não subsumida ao princípio de não contradição, seria, assim, aparentada ao funcionamento inconsciente. Talvez seja possível supor que, em seu funcionamento, o inconsciente tem uma forma poética - vale dizer, criacionista - de proceder, de acordo com sua estrutura de linguagem - metáfora e metonímia - assinalada por Lacan, na esteira das leis de funcionamento formuladas por Freud, a saber, condensação (*Verdichtung*) e deslocamento (*Verschiebung*), respectivamente.

De acordo com Steiner (1961/2006), haveria uma relação entre as formas poéticas e as categorias da verdade não empiricamente verificáveis, resultando na formulação “verdade poética”, não menos verdadeira que a verdade empírica, mas de outra ordem, uma verdade Outra. Esta diria respeito ao fato de que ainda que algo possa ser declarado falso por meio de uma prova empírica poderia, ao mesmo tempo, implicar uma verdade de caráter inegável no domínio moral, psicológico ou formal. Essa formulação de Steiner faz eco à de Lacan quando ele afirma que a verdade é inseparável dos efeitos de linguagem considerados enquanto tais (Lacan, 1969-1970/1992, p. 58).

## O POETA COMO DUPLO DO PSICANALISTA - DAS *UNHEIMLICHKEIT*

Em sua conhecida carta ao escritor e também médico vienense Arthur Schnitzler por ocasião de seu sexagésimo aniversário, Freud assinala sua reserva em se aproximar de seu contemporâneo:

Devo fazer-lhe uma confissão, que lhe pedirei ser bom o suficiente para guardá-la com o senhor e não compartilhá-la com nenhum amigo. Importunei-me com a questão de como durante todos esses anos nunca procurei sua companhia e usufruí de uma conversa com o senhor (supondo que tal não lhe seria incômodo). A resposta é esta confissão extremamente íntima: penso que o evitei a partir de uma espécie de temor de encontrar meu “duplo” [*Doppelgänger*]. Não que eu em geral seja facilmente inclinado a me identificar com qualquer outra pessoa ou que eu tenha qualquer desejo de esquecer a diferença de nossos dons que me separa do senhor, mas *quando me vejo profundamente interessado por suas belas criações, sempre pareço encontrar por trás do esplendor poético delas as mesmas pressuposições, os interesses e conclusões que me são familiares em meu trabalho.* [...] tudo isso me toca com uma estranha sensação de familiaridade. [...] *Assim, ficou-me a impressão de que o senhor sabe por intuição - realmente, a partir de uma fina auto-observação - tudo o que tenho descoberto em outras pessoas por meio de laborioso trabalho.* [...] (Jones, 1953/1989, p. 431, grifos nossos. Carta datada de 14 de maio de 1922).

A figura do *Doppelgänger* teria sido uma criação do escritor alemão romântico Jean Paul Richter, no romance *Siebenkäs* (1796), designando a existência de uma espécie de duplo desconhecido do eu (Mango & Pontalis, 2013, p. 90-91), ou ainda do próprio eu em seu estatuto de desconhecimento. O substantivo *Doppelgänger* teria se originado da fusão das palavras alemãs *doppel* (duplo, réplica) e *gänger* (ambulante ou aquele que vaga). O *Doppelgänger* não indica meramente a existência de um sócia, mas, sobretudo, evoca uma presença perturbadora, como se fora uma espécie de duplo assombroso porque desconhecido.

O próprio Freud assimila a figura do duplo (*Doppelgänger*) à problemática assinalada a propósito do fenômeno *das Unheimlichkeit*, a estranheza que brota no âmago do familiar. Debruçando-se justamente sobre a questão estética, não no que esta concerne à fruição do belo, mas

no que diz respeito às “qualidades do sentir” (Freud, 1919/1970, p. 275), isto é, naquilo que afeta o sujeito, interroga o estatuto do estranho (*das Unheimliche*). Freud vai identificar no adjetivo alemão *heimlich* (familiar, conhecido, doméstico, acolhedor, entre outras acepções) a presença do seu reverso, *unheimlich* (estranho, perturbador). Assim, o *unheimlich* diz respeito ao “familiar” que se torna súbita e perturbadoramente “estranho” (Mango & Pontalis, 2013, p. 88).

Trata-se, portanto, de uma palavra cujo sentido é antitético, conforme encontrado em algumas palavras primitivas. Tomando como ponto de partida a investigação filológica empreendida por Abel (1890) a propósito do idioma egípcio antigo, Freud afirma que essa potência antitética da linguagem (quando uma mesma palavra porta um sentido e, simultaneamente, o seu oposto) pode ser encontrada no trabalho do sonho (Freud, 1910/1970, p. 142). Neste, um elemento significante - lembrando que o sonho é um *rébus*, no qual a imagem tem valor de letra, unidade discreta, e não de signo - pode representar o seu oposto, de acordo com o funcionamento do processo primário que vigia no inconsciente, no qual as contradições não se anulam reciprocamente e a negação não tem inscrição - e, por conseguinte, tampouco a morte.

Assim, se o adjetivo alemão *heimlich* carrega um significado antitético - podendo significar tanto o mais íntimo como também o mais alheio - o *un* (prefixo negativo ou privativo) presente no antônimo *unheimlich* indica o retorno de algo que, no âmbito do *heim* (portanto, daquilo que é conhecido e familiar), foi recalçado, retornando como um elemento perturbador. À semelhança da operação em jogo na *Verneinung* (substantivo traduzido como “denegação” ou ainda por “negativa”), a partícula privativa presente no termo *unheimlich* indica a presença de algo, próprio ao *heim*, que emerge como alheio, estranho, inassimilável ao familiar - mas não sem referência a este.

Com essa breve incursão ao fenômeno *das Unheimlichkeit*, isto é, da perturbadora estranheza que brota no seio do mais íntimo e familiar, parece ser possível sustentar que, ao nomear o escritor vienense Arthur Schnitzler como o seu duplo (*Doppelgänger*), Freud não estaria apenas assinalando a semelhança entre ambos, mas, sobretudo, destacando que aquilo mesmo que os aproxima - o poeta (*Dichter*) e o psicanalista - porta um perturbador

elemento de desconhecimento. Cabe destacar que Hanns (1996, p. 232), ao tratar das considerações freudianas acerca do termo *unheimlich*, assinala que a partícula privativa (ou de negação) *un* pode conotar, no idioma alemão, uma função aumentativa, conferindo um caráter exponencial ao significado do termo ao qual se aplica. Caso em que *unheimlich* poderia estar relacionado a algo que seria familiar em alto grau, de tal modo próximo que resultaria perturbador. Assim, o traço comum (*heimlich*) entre Freud e Schnitzler, indicado pelo primeiro através da figura do duplo, portaria uma perturbação (*Unheimlichkeit*), apontando para o fato de que o paroxismo da familiaridade é a mais radical estranheza.

Talvez seja possível considerar a afirmação de Freud em relação a Schnitzler como sendo o seu duplo a partir dessa perspectiva, o que implicaria em uma nova apropriação da proposição contida na carta, de acordo com a qual Schnitzler, enquanto perturbadoramente semelhante a Freud, representaria, aos seus olhos, o poeta [*Dichter*] que ele (Freud) desconhece em si mesmo. Veremos adiante que o próprio Freud, em uma carta posterior ao escritor vienense, reconhecerá como pertinente algo dessa ordem.

De outra parte - e em conformidade com o relato de Freud ao ter sido surpreendido pelo incômodo olhar de um estranho durante uma viagem de trem, quando se tratava apenas do reflexo de sua própria imagem -, Freud parece testemunhar que a literatura Schnitzler não espelha ou reflete as suas proposições teórico-clínicas, caso em que a aproximação se efetivaria sobre uma base especular, vale dizer, narcísica. Antes, o *Dichter* apontaria para algo que, na imagem, é não especularizável, escotoma no campo visual - conforme Lacan (1963-1964/2005) irá indicar a propósito do fenômeno da angústia. Vale dizer, Freud não se vê refletido ao mirar o escritor, mas, antes, é visto por ele. O que ele, o *Dichter*, quer de mim, psicanalista? Talvez, por isso, o confessado temor - *Angst*<sup>3</sup> - de Freud em conhecer o seu duplo.

Assim, o duplo (*Doppelgänger*) que Schnitzler representa para Freud, em relação ao qual ele, se reconhecendo, se perde, apontaria para o lugar de onde Freud é visto, vendo-se interpelado pelo poeta. Schnitzler não é seu oposto complementar no campo da criação literária, isto é, seu semelhante. Talvez Schnitzler atualize junto a Freud a dimensão do *Nebennensch*, esse próximo tão dessemelhante, compartilhada pela

submissão de ambos às injunções advindas do campo da palavra e da linguagem. Dimensão trágica que convoca o sujeito a advir ali onde ele não é, mas, sim, onde *Isso* era - conforme reza o conhecido adágio freudiano *Wo es war, sol Ich werden* (Freud, 1933[1932]/1976, p. 102).

O escritor-poeta Schnitzler, por sua vez, aludindo à carta de Freud em uma entrevista concedida no ano de 1927, afirmou que “na literatura, percorro a mesma estrada sobre a qual Freud avança com uma temeridade surpreendente na ciência. Ambos, o poeta e o psicanalista, olhamos através da janela da alma” (citado por Kon, 1969/2014, p. 155). Talvez fosse mais apropriado dizer “entrever, divisar”, pois a janela da alma (*Seele*) é apenas um enquadre, a moldura através da qual algo se re-vela, ou seja, indica por intermédio de seu próprio velamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se remeta à comunidade científica de sua época, assinalando o pertencimento da psicanálise à *Weltanschauung* própria à ciência, Freud, por outro lado, se endereça aos escritores-poetas, que também fazem das palavras seu instrumento e seu ofício. Procuramos sustentar que sua remissão à literatura não ocorre a título de ilustração erudita dos achados clínicos e teóricos internos ao campo psicanalítico. Antes, o recurso aos clássicos da literatura ocidental, por parte de Freud, implica na própria fundamentação teórico-conceitual da psicanálise, conferindo a esta o indispensável critério de universalidade exigido pela ciência. De outra parte, é em relação à dimensão criacionista da palavra, condensada na noção grega de *poiesis*, que psicanálise e literatura encontram o seu ponto de articulação recíproca, inscrevendo ambas - salvaguardadas as devidas especificidades - como uma práxis.

De acordo com Kon (1996/2014), em 1934, ao final de sua longa e profícua vida, Freud surpreende uma vez mais através de uma suposta confissão ao escritor italiano Giovanni Papini, ao declarar que “Desde a minha infância, o meu herói secreto é Goethe. [...] Fui capaz de vencer meu destino de um modo indireto e realizei o meu sonho: permanecer um homem de letras sob as aparências de um médico.” (Freud citado por Kon, 1996/2014, p. 184).

Se ao arranhar a superfície do médico o que se revela é o homem de letras, trata-se propriamente do psicanalista, submetido à disciplina da letra em sua materialidade significativa. Nesse sentido, um cientista do sonho, a linguagem do inconsciente por excelência. Mas essa revelação porta a marca do assombro (*Unheimlichkeit*), do estranho que brota no interior do mais íntimo, fazendo do escritor-poeta (*Dichter*) o duplo não especular do psicanalista. Trata-se, portanto, de uma relação dessimétrica, ao revés da reciprocidade ou do espelhamento, marcada pelo caráter moebiano de “ex-timidade”, consoante a própria dimensão inconsciente, conforme o neologismo cunhado por Lacan.

Diríamos que, em Freud, o homem de ciência e o poeta não se opõem; antes, coexistem, à semelhança do funcionamento de seu conceito maior, o inconsciente (*das Unbewusste*), onde não há a negação e os opostos não se anulam reciprocamente. É, portanto, ao homem de letras como duplo (*Doppelgänger*) do cientista - não seu oposto simétrico e complementar, mas seu avesso - que procuramos dar relevo, destacando a pertinência mútua entre psicanálise e literatura -, de resto, campos heterogêneos. Ambos, psicanalista e escritor-poeta (*Dichter*) operam de modo a extrair da matéria bruta da linguagem a instância da letra, *per forza di levare*, através da qual o desejo inconsciente poderá ser soletrado de modo não exaustivo.

## REFERÊNCIAS

- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fernandes, F. L. (2005). Psicanálise e ciência. A. C. Bernardes (Org.), *10 x Freud* (p. 199-225). Rio de Janeiro: Azougue Editorial.
- Freud, S. (1974). Estudos sobre a histeria. In J. Breuer, & S. Freud [Autores], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. II. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1970). A significação antitética das palavras primitivas. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (1970). O estranho. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1919)
- Freud, S. (1972). A interpretação de sonhos. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (1976). A dissecação da personalidade psíquica - Conferência XXXI. Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933[1932]a)
- Freud, S. (1976). A questão de uma *Weltanschauung* - Conferência XXXV. Novas Conferências Introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1933[1932]b)
- Freud, S. (1997). El interés para la ciencia del arte [El interés del psicoanálisis para las ciencias no psicológicas]. In S. Freud [Autor], *Sigmund Freud - Obras completas*, v. 13. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1913)

- Freud, S. (1997). 32ª Conferência. Angústia e vida pulsional. In S. Freud [Autor], *Sigmund Freud - Obras completas*, v. 22. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1998). El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen. In S. Freud [Autor], *Sigmund Freud - Obras completas*, v. IX. Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1907[1906])
- Freud, S. (2013). As pulsões e seus destinos. In S. Freud [Autor], *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2014). Compêndio de psicanálise. In S. Freud [Autor], *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1940)
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud [Autor], *Arte, literatura e os artistas. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (2016). Tratamento psíquico (tratamento anímico). In S. Freud [Autor], *Fundamentos da clínica psicanalítica - Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1890)
- Freud, S. (2016). A questão da análise leiga. In S. Freud [Autor], *Fundamentos da clínica psicanalítica - Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1926)
- Freud, S. (2016). A análise finita e a infinita. In S. Freud [Autor], *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1937)
- Goethe, J. W. (2014). *Fausto I*. Apresentação, comentários e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Ed. 34. (Original publicado em 1790)
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*, v. 3. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953)
- Iannini, G. (2013). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência e mito. In *As pulsões e seus destinos - Obras incompletas de Sigmund Freud* (p. 91-129). Belo Horizonte: Autêntica.

- Kon, N. M. (2014). *Freud e seu duplo*. São Paulo: EdUSP. (Original publicado em 1996)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1959-1960)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1969-1970)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário original de 1963-1964)
- Mango, E. G., & Pontalis, J.-B. (2013). *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrelas.
- Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mezan, R. (1985). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense/CNPq.
- Rabaté, J.-M. (2014). *The Cambridge introduction to Literature and Psychoanalysis*. New York: Cambridge University Press.
- Steiner, G. (2006). *A morte da tragédia*. São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1961)
- Vorsatz, I. (2013). *Antígona e a ética trágica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar/FAPERJ.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Trata-se da noção grega de *poiesis*, “criação” - e, por extensão, “poesia” -, vale dizer, da dimensão criacionista da linguagem.
- <sup>2</sup> *So muss denn doch die Hexe dran*, conforme a nota 5 do tradutor da edição consultada (Freud, 1937/2016, p. 363), que assinala: “Freud aqui compara os poderes de sua teoria metapsicológica aos da bruxa evocada na mais célebre obra da literatura alemã”. A referência é o *Fausto* (1772-1798), de Goethe, Parte I, Cena 6, “A cozinha da bruxa”. Conforme o comentador da edição consultada, “[...] razão e sensatez são [...] despachadas nessa cena que sintomaticamente se segue à renúncia ao mundo da ciência” (Mazzari, 2014, p. 193). Cabe lembrar que nessa peça o personagem-título, após anos confinado em seu gabinete de estudo (*Studierzimmer*) e exprimindo seu desespero com

uma existência em meio aos livros, faz a opção pela magia a fim de penetrar os mistérios da natureza. Firma, com Mefistófoles, um pacto de sangue: entregue a alma em troca do prazer, da fruição desmesurada. A cena em questão, que se passa na cozinha da bruxa (*Hexe*), é aquela em que, após ingerir a bebida preparada por ela e pleno de vigor sexual, Fausto consumará a conquista - e a consequente perdição - da jovem Gretchen (Margarethe). Vemos, assim, que não é gratuito ou ainda alusivo o fato de Freud evocar a bruxa ao tratar da pulsão e de sua possibilidade de domínio. O sexual e a morte encontram-se no âmago da referência freudiana ao *Fausto* de Goethe. O poeta alemão considerava seu *Faust* como sendo o drama da humanidade, embora alguns de seus comentadores a tratem como a tragédia do erudito. Goethe parece localizar a potência fáustica (nesta passagem, de caráter sexual) no interior do empreendimento epistêmico, como se fora o seu avesso. (Cf. os comentários e notas da edição consultada).

<sup>3</sup> *Angst*: medo; temor; angústia.

Recebido em 18 de maio de 2018

Aceito para publicação em 11 de fevereiro de 2019